



Universidade do Minho  
Instituto de Letras e Ciências Humanas



Centro de Ética, Política e Sociedade

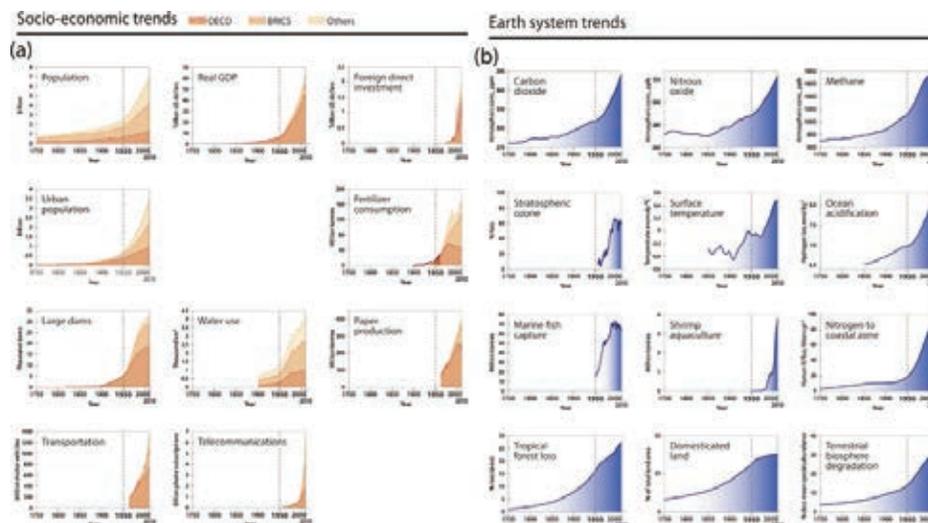
## Ethos e Polis

# O QUE É O ANTROPOCENO E QUE TEM A VER CONNOSCO?

BERNHARD SYLLA\*

“Antropoceno” é um termo que surgiu muito recentemente. Foi proposto pelo ecologista Eugene Stoermer e o Nobel da Química Paul Crutzen dar conta de fenómenos relacionados com o sistema global do planeta Terra que parecem ter suficiente significância e impacto ambiental para justificar que se fale de um nova época geológica. Em termos científicos, o Antropoceno segue-se ao Holoceno, até agora considerado a última época da era cenozoica que, por seu turno, é a última era do éon fanerozoico, éon onde, como o nome grego diz, surgiram formas de vida visíveis. O Holoceno, que abrange os últimos 11,5 mil anos, é caracterizado por uma relativa estabilidade climática e a ascensão da espécie humana. No entanto, no final do século passado, esta ascensão parece ter chegado a um ponto crítico, na medida em que existem evidências cientificamente comprovadas de mudanças no sistema da Terra que resultam do impacto das atividades humanas. O homem não muda apenas a face da Terra, muda também o próprio sistema Terra.

Pesquisas sobre o uso do termo “Antropoceno” apontam para a sua aceitação, não só nas ciências naturais, como também nas Humanidades e nas Artes. Face aos resultados destas pesquisas seria até demasiado modesto falar apenas de uma aceitação do termo, pois o uso do termo em discursos académicos e sociais aumentou quase explosivamente, como se cada novo projeto que apresenta o termo no seu título inspirasse dezenas de outros projetos. Um termo que se propaga como um vírus deve, portanto, ter uma relação significativa com a nossa realidade. De certo será assim, mas o sucesso de um neologismo residirá, talvez, também na sua capacidade de combinar a simplicidade com a maior complexidade, ou seja, na capacidade de sintetizar numa só palavra uma realidade efetiva, e de suscitar o sur-



gimento de uma rede complexa de questões, as quais parecem surgir justamente devido à criação do novo termo. E, como se sabe, não são as respostas que fascinam, mas as perguntas capazes de lançar novos desafios.

Quais são estes desafios? À primeira vista, parecem ser sobretudo de caráter ambiental. Um olhar para os diagramas que apresentam tendências do desenvolvimento do sistema da Terra (v. Steffen et al., 2015) mostra-nos alguns dos mais graves problemas ambientais da atualidade: o aumento drástico das emissões de dióxido de carbono, de óxido nitroso e de metano, a crescente acidificação dos oceanos, a exploração excessiva dos mares, o aumento da temperatura da superfície terrestre, a perda de florestas tropicais, etc. Porém, estes não são os únicos problemas. Um outro tipo de desafio, segundo os autores citados, provém de tendências socioeconómicas que apresentam, tal como as tendências do desenvolvimento do sistema da Terra, a característica de um aumento exponencial: o crescimento da população mundial, o consumo de água, a produção de fertilizantes, a ção de papel, expansão das atividades de transporte, etc.

Estes dados revelam, evidentemente, uma lógica suicida: a aceleração do processo da industrialização acarreta consigo a exploração dos recursos naturais e a crescente poluição dos mares, da atmosfera e do solo terrestre, desembocando na destruição do ambiente e, em última instância, no colapso do sistema Terra. Embora o discurso ‘alarmista’ seja justificado e pertinente, ele traz a mácula de uma debilidade difícil de remover: é justamente a geração que mais responsabilidade tem pelos danos irreparáveis causados ao meio ambiente aquela que mais fortemente levanta a voz em prol da proteção da natureza. Porque não o fez antes? seria uma pergunta mais que justificada, se colocada pelas gerações mais novas e, principalmente, por todos aqueles que ainda não nasceram. Mas é sobretudo a penosa contradição entre o apelo à mudança ecológica e a convicção de que o colapso total da Terra é inevitável, que não consegue livrar-se de um certo cariz esquizofrénico.

A maioria dos novos discursos sobre o Antropoceno, embora mantenha a atitude crítica, quer desvincular-se do pessimismo apocalíptico e incentivar uma reflexão aprofundada sobre os próprios modos de

pensamento e formas de agir com os quais enfrentamos habitualmente os problemas ambientais. Há inúmeros exemplos na história do desenvolvimento humano e, particularmente, das ciências que demonstram que a mudança de paradigma do nosso pensamento tem um impacto forte sobre o nosso agir e a forma como se resolvem problemas. Um exemplo de uma tal mudança engendrada pelo discurso sobre o Antropoceno consiste em encarar a natureza (e não somente as espécies vivas) como um key player no Global Earth System que deve usufruir de direitos equiparáveis aos direitos do homem. A Terra, assim sustentam cientistas e filósofos, é uma entidade capaz de ‘comunicar’ com o ser humano, uma entidade com estatuto de sujeito. Esta nova perspectiva, que acarreta consigo evidentemente problemas de natureza política, jurídica e filosófica, fascinou e estimulou a imaginação de muitos artistas e agentes culturais. Outro exemplo de uma mudança radical reside em repensar profundamente o próprio modo como ‘fazemos’ política. Alguns autores sugerem que se intervenha diretamente nas políticas internacionais, por exemplo através da elaboração de uma nova Constituição ambiental. Outros autores que se deve focar a atenção mais nos diversos modos de deliberação política e sensibilizar para a necessidade de um cada vez maior envolvimento de peritos científicos no processo das deliberações políticas. E quando se fala de peritagem científica, pensa-se sobretudo em peritos das ciências ‘duras’, das áreas ‘tecnológicas’ e da ética. Entrámos numa nova era tecnológica em que uma intensificação da imbricação entre política, ciências, tecnologia e ética é não só urgente, mas, no fundo, inevitável.

\*Centro de Ética, Política e Sociedade da Universidade do Minho

Rubrica em colaboração com o Centro de Ética, Política e Sociedade da Universidade do Minho, que tem por principal objetivo criar diálogo com a comunidade. Poderá colocar qualquer questão nos domínios da teoria política e da ética aos seus investigadores através de [ceps@ilch.uminho.pt](mailto:ceps@ilch.uminho.pt).